

Organização territorial no espaço transfronteiriço do Iguassu: Foz do Iguaçu (BR), Puerto Iguazú (AR) e Ciudad del Este (PY)

Organización territorial en la zona fronteriza Iguassu: Foz do Iguazú (BR), Puerto Iguazú (AR) y Ciudad del Este (PY)

Mauro José Ferreira Cury
UNIOESTE - UFPR
R. Rui Jacob Guillich, 431 - Foz do Iguaçu - PR - 85.869-190
maurojfc@uol.com.br

Nilson Cesar Fraga
UFPR - FAE
R. Prof. Ulisses Vieira, 294/304 - Curitiba - PR - 80.020-390
nilsoncesarfraga@hotmail.com

RESUMO

O objetivo que norteia este é de analisar as bases conceituais de fronteiras nacionais e verificar o caso do território do Iguassu com elementos de integração fundamentados na geografia, na história e na economia intrínseca nos serviços turísticos que estabelecem redes como elos de relações. A sobreposição dos elementos geográficos e econômicos, as relações entre as comunidades locais no território serão analisadas. Há uma abordagem histórica dos acordos e tratados de fronteira pertinentes a este território, e em seqüência o papel da Usina Hidrelétrica de Itaipu Binacional no processo de aproximação de fronteiras e integração territorial. A transcendência das fronteiras e o turismo como atividade terciária de fluxos de visitantes constroem novas territorialidades sobrepostas às demarcações legais.

Palavras Chave: Território, fronteiras, Iguassu.

RESUMEN

El objetivo de esta guía es el de examinar la base conceptual de las fronteras nacionales y comprobar el caso del territorio de Iguazú con elementos de la integración sobre la base de la geografía, la historia y la economía turística inherentes al establecimiento de vínculos y redes de relaciones. La superposición de los elementos geográficos y económicos, las relaciones entre las comunidades locales en el territorio será considerado. Hay una historia de acuerdos fronterizos y tratados relativos a esta área, y el papel de la secuencia de la planta hidroeléctrica de Itaipu Binacional en la frontera más cercana y la integración territorial. La trascendencia de las fronteras y el turismo como actividad terciaria flujo de visitantes a la construcción de nuevas demarcaciones territorialidades superposición jurídica.

Palabras clave: Territorio, fronteras, Iguassu.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Nas relações territoriais em pontos de aproximação de fronteiras internacionais é pertinente a análise social, territorial, ambiental e econômica que as territorialidades estabelecidas provocam novas relações na composição do território transfronteiriço.

Este artigo traz como objetivo principal uma reflexão sobre o estabelecimento das fronteiras nacionais entre as cidades de Foz do Iguaçu - Brasil, Ciudad del Este - Paraguai e Puerto Iguazu - Argentina. A fundamentação da sociedade estabelecida neste espaço transfronteiriço, das relações econômicas que provocaram o surgimento das redes que firmam o território do Iguassu assim denominado para uma melhor compreensão deste espaço composto pelas cidades trigêmeas com aproximadamente 735.000 habitantes.

A Geografia tem a função de análise e discussão do processo de globalização e das interferências estabelecidas pelas redes e pelos poderes.

A abordagem desta pesquisa teve como objetivo de analisar as bases conceituais de fronteiras nacionais o desenvolvimento do espaço geográfico provocado pelo turismo e as territorialidades em Iguassu. Justifica-se a abordagem do tema pela recriação de espaços e que pela temporalidade que vem a contribuir para as projeções de estudos relativos ao Turismo e a Geografia. Este estudo refere-se especificamente a um olhar sobre o Território as Fronteiras Nacionais desenvolvimento populacional e das relações estabelecidas pelas Instituições de integração entre estes países.

O dimensionamento territorial por ser flexível se delimita e pode ser categorizada em escalas regionais, nacionais e internacionais. As atividades econômicas percebíveis pelos serviços relativos à geração de energia elétrica pela Usina de Itaipu e os projetos atrelados ao desenvolvimento de programas sociais vem a contribuir neste estudo. As relações ambientais na bacia do Paraná e o Parque Nacional do Iguaçu como forte estrutura de visitação entre o Brasil e a Argentina, agregam valores a este estudo das novas territorialidades do espaço transfronteiriço do Iguassu.

2. METODOLOGIA

As relações que afetam o espaço dos objetos de análise remetem a reflexão dos avanços do capitalismo, das novas tecnologias, nas relações e práticas provocadas pela atividade turística neste território transfronteiriço.

A estruturação do trabalho foi elaborada a partir da pesquisa empírica do tipo exploratória, englobando levantamento documental (ou fontes primárias) e bibliográfico (ou de fontes secundárias). A fase exploratória foi um dos momentos importantes da pesquisa, porque representou a construção da trajetória de investigação do tema proposto. A visão do desenvolvimento da atividade turística e das Instituições estabelecidas permitiu traçar novas territorialidades.

A visão de conjunto é observada por meio das formas e funções espaciais e das relações dialéticas da história. A proximidade fronteiriça associada às relações vividas neste espaço permite refletir sobre as diferentes escalas, seja de forma local, regional, nacional e internacional. Na composição destes espaços as complexidades nas formas de exploração e de produção são analisadas por intermédio do desenvolvimento provocado no território e as novas mudanças impostas pelo processo acelerado da globalização, perceptíveis nas áreas analisadas.

Foram analisadas a territorialidade do Iguassu, a atividade turística, a evolução espacial e a qualificação pertinente ao desenvolvimento deste lugar.

3. O TERRITÓRIO, FRONTEIRA, LIMITES, DELIMITAÇÃO E O TURISMO

Para compreender os conceitos propostos e que dão base neste estudo se faz necessário observar as trajetórias de construção do significado essencial da palavra à representatividade deste no espaço geográfico, uma vez que se estudam três áreas transfronteiriças complexas do ponto de vista territorial e nas próprias relações de poder que as regem.

Historicizar o território faz parte do processo de entendimento do que se propõe o artigo. Neste sentido, para SANTOS (2007, p.13) “o território é o lugar que desembocam todas as ações, as paixões, os poderes, as forças, as fraquezas, isto é, onde a história do homem plenamente se realiza a partir das manifestações da sua existência”. O autor ajuda na compreensão destas áreas de fronteiras três países, que na atualidade compõem uma mancha urbana de aproximadamente 735.000 habitantes.

A noção de território usado aqui não é baseada em uma dimensão física por uma pessoa singular ou limites administrativos em distâncias curtas e bem estabelecidas. A definição como o resultado do território e da parte constitutiva de um conjunto complexo de interações estabelecidas pelas pessoas do seu lugar de vida, dos espaços sociais, culturais, utilizações de recursos, mas também dos agentes exógenos e endógenos.

A fronteira, em se analisando ao longo da história, pretendeu desenhar uma imagem de pedra e precisão: os muros são o seu símbolo, com toda a sua concretude. Entretanto, apesar da imagem de intransponibilidade, os muros são apenas camuflagem, pois o espaço vivido é mais amplo e complexo do que os limites e fronteiras possam determinar. (HISSA, 2006, p.40)

As idéias das fronteiras “naturais”, que coincidiram com os limites da ocupação territorial das etnias, são falsas, pois se sabe que a maioria esmagadora dos Estados, não é constituída por uma única etnia; sabe-se também como este critério é ambíguo, pois se define a partir de um padrão de “pureza” dificilmente reconhecido na média de uma população. (GOMES, 2002, p. 99)

Percebem-se na área do Iguassu as motivações que fazem o ir e vir das populações entre as aduanas. Um dos elementos mais fortes vem a ser a variação econômica e a estabilidade das moedas (Real - Brasil, Peso - Argentina e Guarani – Paraguai) frente ao Dólar estadunidense e ao Euro. O que dinamiza o comércio transfronteiriço a operar com mais de três moedas e incentiva o câmbio negro.

Outro elemento é o comércio de produtos característicos de zonas francas com impostos reduzidos, o que atrai a população brasileira para as compras no Paraguai e Argentina.

As questões de ocupação rural e a atração de empregos no comércio para brasileiros no Paraguai e o valor da terra que motivaram brasileiros a irem instalar propriedades rurais e desenvolver a produção da soja são um dos reflexos da complexidade transfronteiriça. As populações vivem estas proximidades e relações entre os três países com características próprias e na maioria das vezes perceptíveis e marcantes. A instalação de imigrantes de origem árabe, chinesa, coreana no comércio paraguaio, nos faz refletir que são populações que apresentam dificuldades em seus países de origem de ordem política, social e religiosa que impediram o desenvolvimento econômico pessoal e, inclusive, de grupos. Neste espaço o imigrante chega com propostas corporativistas entre si e promovem o desenvolvimento da comunidade instalada. Vivem em sua maioria em Foz do Iguazu em que as condições de infra-estrutura urbana são mais confortáveis e trabalham no comércio do Paraguai. O enriquecimento não permanece no lugar, mas são direcionadas as nações de origem em muitos casos.

Quando se opta por uma problemática relacional, como são os casos aqui analisados, é porque se pensa que as relações são capazes de tornar inteligíveis o poder político e as relações espaciais, num sentido de verificação das redes e suas especificidades.

O olhar científico que se dá neste breve estado da arte sobre território e poder se espelha, em muito, na análise de Reffestin (1980) na medida em que o espaço e o território não são termos equivalentes. O espaço é anterior ao território. O território se forma a partir do espaço e é resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático. Ao se apropriar de um espaço, o ator territorializa o espaço. A produção de um espaço, o território nacional, espaço físico, balizado, modificado, transformado pelas redes, circuitos e fluxos que aí se instalam como rodovias, canais, ferrovias, circuitos comerciais e bancários, auto-estradas e rotas aéreas, podem ser resumidos pelo autor mencionado como a prisão que os homens constroem para si.

No que tange às redes e ao poder, Reffestin (1980, p. 83) esclarece que toda estratégia integra a mobilidade e, por conseqüência, elabora uma função circulação-comunicação – é uma função de poder, onde: “A circulação imprime a sua ordem”. Nesse caso, o poder não consegue evitar o que pode ser visto ou controlado.

No conjunto norteador da rede e do poder no território, há a própria noção de região como fundamental na análise geográfica das hierarquias que promovem os fluxos no

espaço. Um fator elucidante pode ser visto em Rochefort (1980, p. 61), mesmo que o autor considere que a definição de região tenha sofrido uma falência parcial. Neta contextualização os geógrafos procuraram definir a região pelo conteúdo do espaço, no interior de limites determinados, conteúdo que se exprime mais ou menos por certa homogeneidade de paisagem. Essa concepção conduz a certo número de impasses no esforço empreendido para estabelecer unidades válidas, caracterizadas por certa homogeneidade das atividades de produção que neles se localizam.

Diante da complexidade teórica deste conceito em Geografia, uma vertente aponta que "de qualquer forma, se a região é um conceito que funda uma reflexão política de base territorial, se ela coloca em jogo comunidades de interesses identificadas a certa área e, finalmente, se ela é sempre uma discussão entre os limites da autonomia em face de um poder central, parece que estes elementos devem fazer parte desta nova definição em lugar de assumirmos de imediato uma solidariedade total com o senso comum que, neste caso da região, pode obscurecer um dado essencial: o fundamento político, de controle e gestão de um território". GOMES, 1995.

Objetos fixos como pontos geodésicos, marcos fronteirços, quartéis, aduanas, pontes, bandeiras e placas nos mostram os limites espaciais e de soberania de um país. Por outro ângulo, as pontes que são fixas mostram também a união, pontos de passagem dos fluxos de mercadorias (legais e ilegais), turistas, trabalhadores (formais e informais), moradores locais, ônibus de fronteira, caminhoneiros, traficantes, contrabandistas, dentre outros agentes sociais. Percebe-se, ainda, a influência das comunicações em certos espaços de domínio da telefonia celular, dos sinais de televisão, dentre outros.

O território em estudo está compreendido na "faixa de fronteira" no arco sul, dentro dos 150 km perpendiculares a linha limitante de defesa nacional, estabelecida pela Constituição do Brasil de 1988 (cap.II, art. 20, alínea XI, parágrafo II). UFRJ - Grupo RETIS - 2008.

No aspecto geográfico, ao pensar sobre fronteiras e limites, há uma dicotomia entre identidades – eles e nós. Para Hissa (2006, p.19) "o limite é algo que insinua entre dois ou mais mundos, buscando a sua divisão, procurando anunciar a diferença e apartar o que não está ligado". Percebem-se as relações humanas de estranhamento ou reciprocidade, às vezes optando por viver sem a interferência do outro. O limite é demarcado como vigiar o território por aduanas e policiamento. Separadas por rios ou não, as bandeiras, as pontes, os marcos, e outros elementos são símbolos e mostram um descortinar de outros cenários. As populações se enlaçam, os aspectos sociais são dinâmicos e a cultura se mescla, entendem-se e fazem-se entender na linguagem, nos costumes, na dominação da religião católica e outras manifestações simbólicas significativas do dia a dia desta população.

Quando as fronteiras são muito próximas, a mancha urbana é marcada pela conurbação, faz-se necessário recorrer à antropologia, por meio da observação das pessoas que ali vivem e os turistas como no caso da região do Iguassu – na complexidade deste relacionamento socioespacial.

Na abordagem regional deve-se analisar o conceito no entender de Lencioni (2003, p. 201), quando esta coloca que "as regionalizações são produtos de inter-relações de fenômenos que o pesquisador seleciona, fazendo com que a região se constitua no final do processo de investigação". A necessidade de pesquisar o espaço transnacional ou transfronteiriço do Iguassu se deve ao fato da convivência numa área internacional conurbada com culturas diferentes, estabelecida por signos e imaginários que tornam a região relevante para a demanda de turistas nacionais e internacionais.

Quando se aproxima essa discussão aos estudos do Turismo analisa-se a atividade no campo das Ciências Humanas e Sociais e Aplicadas, portanto a pesquisa assume seu fundamento por meio de uma valorosa contextualidade que vem a ser a multidisciplinaridade.

Nesta perspectiva do Turismo, Beni (2000, p. 42) considera que a busca de variáveis explicativas e métodos de análise caracterizam a multi e a interdisciplinaridade, e que a aplicação de métodos permitem aplicações interativas e operacionais na observação,

descoberta e interpretação percebida no objeto de estudo do Turismo, que constitui a transdisciplinaridade.

Os recursos turísticos da região estão associados à valorização da oferta que apresenta áreas naturais protegidas, espaços únicos construídos e serviços diferenciados; além de objetos tangíveis e intangíveis que valorizam o território. Existe uma diferença nas infra-estruturas urbanas, rurais e desigualdades socioespaciais.

No conjunto da relação Geografia e Turismo, na incorporação de suas dimensões, Xavier (2004, p. 65) considera que o conhecimento da comunidade sobre a importância do turismo é precário, faz-se necessário o desenvolvimento de atividades que levem a interiorização das informações, a fim de que essas pessoas possam atingir o limiar do conhecimento do turismo, proporcionando, atitudes mais efetivas sobre seu uso.

No território do Iguassu é observado a partir dos anos de 1990, um aumento na demanda de turistas nos Parques Nacionais do Iguazu (Brasil e Argentina) e associados a este fenômeno a expansão dos recursos turísticos e recreativos. Há a preocupação da busca de novas formas de aperfeiçoar o espaço e provocar o aumento da permanência de turistas e valorizar o mercado.

As Cataratas do Iguazu são o principal atrativo e com uma magnitude elevada na hierarquização de atrativos. Em território argentino, a vegetação é denominada de Selva Subtropical Missioneira (Paranaense). No Brasil, o Parque está classificado sob o ecossistema de Floresta Estacional pertencente à Floresta Estacional Semidecídica, Floresta Ombrófila Mista e Formações Pioneiras Aluviais, bem como a região de transição daquela formação com a Floresta de Araucária, em seus terrenos mais elevados próximos a Céu Azul e Santa Tereza do Oeste. (CURY, 2003)

O espaço geográfico pode ser definido a partir de um conjunto de dados e elementos econômicos localizados, sendo que tais localizações podem ser dispersas, considerando que são as características e a natureza das relações de interdependência que emprestam unidade ao espaço. A região é definida de uma forma mais restrita, não em função de fatores relacionados à dimensão, mas referidos às razões de contigüidade, ou seja, os elementos que compõem uma região têm que se localizar de forma contígua.

A discussão sobre os conceitos de região nos leva a pensar sobre os processos de globalização, seja por meio da homogeneização dos espaços e da fragmentação regional. Ao observar a classificação de região seja no seu aspecto formal, analisadas a partir da geografia local e de seus aspectos conjunturais físicos, sociais, políticos e outros; ou no seu aspecto funcional, ou seja, a área geográfica observada a partir das coerências funcionais por relações de interdependência.

Devido às discussões conceituais apresentadas entre região e de território será adotado o termo território devido a sua amplitude.

Essa área de fronteiras regionais, nacionais e internacionais se constitui com características formais e funcionais estabelecidas, marcadas pela atividade turística. Na sequência serão abordadas as questões internacionais nas fronteiras do Iguassu.

4. AS QUESTÕES INTERNACIONAIS DAS FRONTEIRAS NO IGUASSU

Ao observar as questões fronteiriças, a formação do Estado-Nação e a força das redes estabelecidas em áreas de fronteira percebem-se um novo ordenamento, um re-desenhar do mapa do mundo.

O mapa do mundo se move. Aqui e ali as velhas fronteiras estão desaparecendo sob o peso da notícia. Alguns países, estados e municípios, por vezes irrompem ou conciliam, noutros momentos são vazios ou se sobrepõem. Um fator desta tendência: Espaço polarização das atividades econômicas. Trata-se de cidades, regiões ao nível de espaços centrais ou em que mergulha da espiral de declínio. A clara separação de mapa do mundo - entre as duas grandes potências, entre Este e Oeste, ou entre Norte e do Sul - está a esmorecer. O mapa do mundo está redesenhado. A viragem espaço, que nós estamos

vendo provas da existência de uma profunda reestruturação não só econômica, mas social e tecnológica. A insegurança reina. Os paradigmas, estruturas, valores e habilidades estão a mudar, dando origem a uma inevitável remodelação dos territórios. Na esfera global como local, surgirá uma nova dinâmica socioespacial.

Esta dinâmica reflete a dispnéia de um modelo de desenvolvimento centralizado no crescimento a qualquer preço e incondicional a utilização dos recursos. Este modelo, chamado produtivista liberal, fordista, tem sido alvo de críticas tanto dos atores sociais como dos cientistas (Beaud, Dumond, Lipietz, portanto, Sachs). Os imperativos da economia nacional e / ou mundo deixou de ser suficiente para legitimar as intervenções um modelo técnico-econômicos centralizados. A utopia de crescimento sem limites - baseado na exploração dos recursos temerário, consumo desenfreado, a miraculosa tecnologia, excessivo individualismo - se acentuou disparidades sociais e espaciais, as desigualdades inaceitáveis para mais de um indivíduo, uma comunidade. Até mesmo a classe média americana do modo de vida está em processo de estreitamento segundo (Harrison e Bluestone, 1988).

Na contextualidade histórica serão abordadas as principais referências que buscaram aproximar e vencer os contornos das demarcações fronteiriças no território do Iguassu.

Santos, B.S. (2003) ao referir ao sul do Brasil revê em seus estudos a questão dos povos Kaingang e os Xokleng, que viviam no espaço em que os Guarani consideravam seu. Por isso não foi muito grave que os brancos também chegassem e ocupassem parte dessas terras. A diferença é que a sociedade envolvente (chamada classicamente de “branca”) não só ocuparam, mas alteraram em profundidade a biota, trocando a natureza, isto é, substituindo, as plantas e os animais, alterando muitos dos componentes geográficos, derrubando florestas, cortando morros, construindo lagos, secando mangues. O povo guarani, que pelo seu direito partilhavam territórios, começou a se sentir cada vez mais expulsos de sua própria terra por que já não podiam reconhecer os locais onde se manifestavam os espíritos de seus antepassados.

Após o tratado de Tordesilhas, Alexandre de Gusmão no século XVIII, criou os princípios básicos para a solução das questões de limites entre as colônias portuguesas e espanholas da América:

- O do *uti possidetis* – as terras pertenceria aqueles que a ocupassem, tendo o título de posse. Isso deu ao Brasil “de jure” o que os bandeirantes haviam conquistado de “facto”.
- O princípio do reconhecimento de que os problemas lindeiros entre duas colônias deveriam ser resolvidos em função dos interesses das colônias, e não das metrópoles.

José Bonifácio de Andrada e Silva na época da Independência do Brasil aponta a necessidade do Governo Central para manter a unidade do país. A ele ficarão sujeitos os governos provinciais. Outra: a proposta da fundação de uma “cidade central”. Dessa capital interior, saíam estradas para províncias e portos do mar. No Império, vários foram os planejamentos para a integração territorial pelas ferrovias, rodovias em direção ao interior, seja no arco norte ou sul que não saíram do papel.

No período republicano as iniciativas de interiorização surgem com a concretização da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil: 1.269 quilômetros, de Bauru a Porto Esperança era a primeira ligação com a Bacia do Prata.

A ligação São Paulo/Santos vem a impor o poder de centralidade na América do Sul com Buenos Aires que detinha a hegemonia na região.

As questões diplomáticas são claras e precisas neste período com personagens como o Barão do Rio Branco especialista em questões de fronteiras, seu trabalho é complementado no início do século XX, por Mariano Cândido Rondon que retrata o espírito humanista e antropológico, contradizendo o que se via na história passada a mentalidade egoísta e predatória dos bandeirantes. Levou a ligação telegráfica até as fronteiras oeste e norte, percebeu-se o contato com grupos indígenas pelo interior do Brasil e a integração estabelecida pela rede de comunicação.

Sobre tais aspectos, conforme o Relatório dos Trabalhos Executados pela Comissão de Limites entre Paraná-Santa Catharina, datado de 1923, confeccionado pelo Marechal A.

de Albuquerque Souza, a demarcação seria: “produzida por uma combinação de processos astronômicos e topográficos, obedecendo ao acordo firmado em 1916, pelos governadores e presidente da República, este último dá nome a linha da divisa, uma das mais caras já executadas no País.” Aponta Fraga (2006, p. 135) citando Souza (1923).

O pensamento da Geopolítica se fundamenta em autores e pensadores como Ratzel e Vidal de La Blache. Ratzel define que “espaço é poder” e influenciados nestes estudos novas concepções são adaptadas ao pensamento de fronteiras no Brasil. Os anos de 1931 a geopolítica brasileira é marcada pelos estudos de Mário Travassos autor de “Projeção Continental do Brasil”. Esta obra em 1964 vem a influenciar nas decisões fronteiriças no governo militar, dentre as idéias relevantes aponta-se:

1. A posição do Brasil é atlântica. Existe uma força convergente em relação ao Prata centralizada em Buenos Aires;
2. Existe um antagonismo em nosso continente entre a geografia atlântica e a geografia pacífica. A cordilheira do Andes é o divisor deste antagonismo;
3. O triângulo estratégico Santa Cruz de La Sierra / Cochabamba / Sucre é a chave: quem dominar essa região dominará a política continental da América do Sul.

Perante estas idéias vêm às proposições estratégicas de fronteiras:

1. Uma política de transportes para neutralizar a influência do Prata, o que na atualidade percebemos os corredores de exportação;
2. A construção da ferrovia até Santa Cruz de La Sierra e daí até Arica no Pacífico;
3. Desenvolver o prolongamento da Estrada de Ferro Noroeste para o Paraguai.

Arelado ao território do Iguaçu Golbery do Couto e Silva (1971) diz: é bem mais ao sul onde o Uruguai, geograficamente meio brasileiro e meio platino, continua a viver e prosperar galhardamente em seu histórico papel de Estado-tampão é aí onde Las Misiones avançam como uma cunha para o nordeste, modelando o gargalo de Santa Catarina, que se define a linha de tensão máxima no campo sul americano, reforçada como é pela proximidade maior dos centros de força potencialmente antagônicos, seu dinamismo e potencial superiores, a tradição de choques e conflitos que vem desde o passado colonial, e por fim, se bem que não menos importante, uma aspiração hegemônica, alimentada além do Prata, por uma propaganda tenaz e incansável, desde os dias já longínquos de Rosas. É o local de Itaipu.

Nas questões estratégicas o Paraguai tem a sua saída natural pelo Prata, mas a construção da BR-277 e da Ponte da Amizade ligando Ciudad del Este a Foz do Iguaçu e aparelhando o Porto de Paranaguá lhes ofereceram uma saída para o mar, ou seja, um corredor de exportações via Brasil. O Paraguai deixa o corredor de exportações via bacia do Prata e passa a dependência do território brasileiro. Em 1966 é assinada a ata do Iguaçu que firma o convênio para a criação da Usina Hidrelétrica de Itaipu. A seguir serão analisadas as questões diplomáticas e a potencialidade econômica instalada na fronteira Brasil e Paraguai, como elemento de aproximação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O território do Iguassu compreendido por Foz do Iguaçu está conurbado com Ciudad del Este no Paraguai e Puerto Iguazú na Argentina, incluindo as cidades de menor porte esta malha urbana e ultrapassa os 735.000 habitantes.

As questões pertinentes a fronteiras e sua mobilidade estão atreladas por uma problemática relacional, como são os casos aqui analisados, é porque se pensa que as relações são capazes de tornar inteligíveis o poder político e as relações espaciais, num sentido de verificação das redes e suas especificidades. As intervenções sejam de ordem política, estratégicas acabam se diluindo em função da rapidez e fluidez das redes econômicas que interferem no território.

O turismo desde tempos remotos foi à atração em função das quedas d'água em Sete Quedas e as Cataratas do Iguaçu. Com o desenvolvimento das redes de transportes e

comunicações, com a instalação da Usina Hidrelétrica de Itaipu; o processo de adensamento populacional, e qualificação da oferta e de serviços relativos à sustentação do turismo provocaram uma maior procura pelo destino. Muitas famílias estabeleceram após a conclusão das obras da Usina e fixaram a atividade no turismo em Foz do Iguaçu.

As paisagens turísticas são também respostas que o homem moderno delineia por meio da valorização, buscando nestes espaços muitas vezes o que foi perdido em seu espaço e no seu cotidiano.

A reprodução social, a valorização dos lugares, construções de lazer a sensibilidade de representação do lugar, leva a autenticidade do território turístico.

As territorialidades atreladas à complexidade da atividade turística e as questões fronteiriças são o principal elemento que norteou este trabalho. Devido à dinâmica dos componentes sociais, econômicos, ambientais, políticos e culturais, os estudos apresentados não esgotam, faz-se necessária a pesquisa constante nesta área para que possíveis fundamentações sejam esclarecidas envolvendo o turismo neste território e a organização do mesmo em face das mudanças que o mundo pós-moderno impõe sobre as sociedades e seus territórios construídos, desconstruídos e reconstruídos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENI, M. C. **Análise estrutural do turismo**. 3. ed. São Paulo: SENAC, 2000.
- CURY, M. J. F. **Visitação em Áreas Naturais Protegidas**: Estudo Comparados dos Parques Nacionais del Iguazú e do Iguaçu. Dissertação de Mestrado. Orientador Dr. Mário Carlos Beni. ECA-USP. São Paulo, 2003.
- FRAGA, N. C. **Mudanças e Permanências na Rede Viária do Contestado**: uma abordagem acerca da Formação Territorial no Sul do Brasil. Curitiba, PR: Universidade Federal do Paraná (Tese de Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento), 2006.
- GOMES, P. C. C. **A Condição Urbana**: ensaios de geopolítica da cidade. Bertrand Brasil. Rio de Janeiro: 2002.
- GOMES, P. C. C. O conceito de região e sua discussão. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C.; CORRÊA, R. L. **Geografia**: conceitos e temas. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1995.
- HISSA, C. E. V. **A mobilidade das fronteiras**: Inserções da geografia na crise da modernidade. Belo Horizonte: UFMG, 2006.
- INSTITUTO POLO INTERNACIONAL DO IGUASSU. Disponível em < www.poloiguassu.org.br > em 29-08-2008.
- ITAIPU-BINACIONAL. Disponível em < www.itaipu.gov.br > em 29-08-2008.
- LENCIONI, S. **Região e Geografia**. EDUSP. São Paulo. 2003.
- PARQUE TECNOLÓGICO DE ITAIPU. Disponível em < www.pti.org.br > em 28-08-2008.
- RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1980.
- SANTOS, B.S. **Reconhecer para libertar os caminhos do cosmopolitismo multicultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- SANTOS, M. **Território, territórios**: ensaio sobre o ordenamento territorial. Lamparina. Rio de Janeiro. 2007.
- SILVA, G. C. **Geopolítica do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio. 1971.
- TRAVASSOS, M. **Projeção Continental do Brasil**. Rio de Janeiro: Cia Editora Nacional.1931.
- UFRJ. Grupo RETIS. Disponível em < <http://www.igeo.ufrj.br/gruporetis/> > em 27-04-2008.